

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROBIN BENWAY

«Um livro verdadeiramente especial.»

The Wall Street Journal

A HISTÓRIA QUE COMEÇA EM NÓS

NATIONAL
BOOK
AWARD
VENCEDOR

AFINAL,
O QUE SIGNIFICA
SER UMA FAMÍLIA?

TOP
SEL
LER

#BLISS

*Para o meu irmão,
obrigada por estares a meu lado nos saltos mais radicais.*

CAIR

GRACE

Grace não pensara seriamente na cerimónia do regresso às aulas.

Sabia, contudo, que teria de ir; calculou que ela e a melhor amiga, Janie, se vestiriam juntas, arranjariam o cabelo juntas. Sabia que a mãe tentaria mostrar-se descontraída em relação a isso, sem se empolgar demasiado, mas obrigaria o pai de Grace a carregar a câmara chique e cara — e não o *iPhone* —, para que Grace tirasse fotos com Max, o seu namorado de apenas há um ano.

Ele ficaria o máximo de smoking — alugado, naturalmente, porque o que faria Max com um smoking no armário? —, e ela não sabia se dançariam um *slow* ou se falaria com as pessoas ou isso. A questão é que não fazia suposições. Achou que aconteceria e seria o máximo.

Grace pensava isso em relação a tudo na vida. Regressar às aulas era algo indubitável. Não o questionava.

Daí ter sido tão surpreendente passar a noite do regresso às aulas não com um vestido chique, não a bebericar do frasquinho

de Max e a dançar com Janie e a tirarem fotos pirosas uns aos outros, mas na maternidade do Hospital de St. Catherine, com os pés em estribos em vez de saltos altos, a dar à luz a sua filha.

Grace demorou a perceber que engravidara. Costumava ver aqueles *reality shows* na televisão por cabo e gritava para o ecrã, «Como é que não percebeste que estavas grávida?!», enquanto atores recriavam os cenários mais inacreditáveis. O karma, pensou Grace mais tarde, não deixou mesmo passar essa em branco. Mas o período dela sempre fora errático, pelo que não foi de grande ajuda. E teve enjoos matinais ao mesmo tempo que a gripe grassava na escola, pelo que esse foi o golpe número dois. Só quando sentiu as calças de ganga mais apertadas na Semana 12 (que só percebeu tratar-se da Semana 12 nesse momento) é que começou a suspeitar de que se passava algo de errado. E só na Semana 13 (ver comentário anterior sobre a Semana 12) é que obrigou o namorado, Max, a percorrer 20 minutos de carro até uma loja onde não encontrariam ninguém conhecido, para poderem comprar dois testes de gravidez.

Vieram a perceber que os testes de gravidez eram caros. Tão caros, na verdade, que Max teve de verificar o saldo bancário no telefone enquanto estavam na fila, só para se certificar de que tinha dinheiro suficiente na conta.

Quando Grace percebeu o que se passava, ia no quinto dia do segundo trimestre.

O bebé era do tamanho de um pêssego. Grace procurou no *Google*.

Depois, Grace percebeu que não ia ficar com Peach. Sabia que não podia. Trabalhava em part-time depois das aulas numa boutique de roupa destinada sobretudo a mulheres 40 anos

mais velhas do que ela e que a tratavam por querida. Não estava propriamente a ganhar dinheiro para criar um bebê.

E não era sequer por os bebês chorarem, cheirarem mal ou babarem-se, nem nada disso. Isso não parecia terrível. A questão é que eles precisavam de nós. Peach necessitaria de Grace de formas a que ela não poderia corresponder e, à noite, ela sentava-se no quarto, a segurar a sua barriga agora redonda, e dizia, «desculpa, desculpa, desculpa», uma oração e uma penitência, porque Grace era a primeira pessoa de quem Peach alguma vez precisaria e sentia que já estava a desiludi-la.

O advogado de adoção enviou uma pasta enorme com potenciais famílias, cada uma delas com um ar mais ansioso do que a seguinte. Grace analisou-as com a mãe como se fizessem compras por catálogo.

Ninguém era suficientemente bom para Peach. Não o potencial pai que se parecia com um hamster, nem a mãe cujo corte de cabelo não era atualizado desde 1992. Grace rejeitou uma família porque o bebê deles parecia ser daqueles que mordiam e outra por nunca terem saído do leste do Colorado. Não interessava que ela própria nunca tivesse saído do Colorado, mas Peach merecia melhor. Merecia mais. Merecia escaladores de montanhas, viajantes internacionais, pessoas que percorriam o mundo à procura das melhores coisas, porque Peach era a melhor coisa que poderia acontecer a alguém. Grace queria exploradores intrépidos que garimpavam ouro — porque estavam prestes a descobrir a maior riqueza.

Catalina era originária de Espanha, fluente em espanhol e francês. Trabalhava para uma empresa de marketing online, mas geria também um blogue sobre comida e sonhava um dia publicar um livro de culinária. Daniel era *designer* de websites e trabalhava em casa. Seria ele o progenitor que ficaria em casa

durante os primeiros três meses, o que Grace achou espetacular. Tinham uma *labrador retriever* chamada *Dolly*, o que lhe pareceu tanto amoroso como estúpido.

Grace escolheu-os.

Nunca sentiu vergonha, não com Peach dentro dela. Eram como uma pequena equipa. Caminhavam, dormiam e comiam juntas, e tudo o que Grace fazia afetava Peach. Viam imensa televisão no portátil e Grace falou-lhe das séries e de Catalina e Daniel e de como ela teria um belo lar com eles.

Peach era a única pessoa com quem Grace efetivamente conversava. Todas as outras amigas se tinham afastado. Grace percebeu nos olhares delas a incerteza sobre o que dizer em relação à sua barriga em rápida expansão, o alívio de ter sido ela e não elas a engravidar. De início, as suas colegas de cortamato tentaram mantê-la a par de tudo, falando de provas e bisbilhotando sobre outras equipas, mas Grace não conseguiu lidar com o modo como a sua inveja lhe retesava a pele até se sentir quase a explodir. Até assentir em silêncio se tornou complicado ao fim de algum tempo, e quando ela deixou de reagir elas deixaram de falar.

Às vezes, quando estava quase a adormecer, quando Peach fazia pressão na caixa torácica como se para ela fosse um pequeno lugar seguro, Grace sentia a mãe parada à porta do quarto, a observá-la. Fingia que não se apercebia da sua presença e, ao fim de um bocadinho, a mãe afastava-se.

Já o pai... Mal conseguia olhar para Grace. Ela sabia que o desiludira, que, apesar de ele ainda a amar, Grace era agora uma pessoa diferente e nunca mais seria a mesma. Ele deve ter sentido como se lhe tivessem trocado a filha por um modelo novo («Agora com um bebé no interior!»), uma Grace 2.0.

Grace sabia isto porque sentia exatamente o mesmo.

*

Grace estava nas 40 semanas e 3 dias quando chegou o dia da cerimónia do regresso às aulas. Janie pedia-lhe incessantemente para ir, dizendo que podiam ir em grupo com amigos ou assim, o que era provavelmente a coisa mais parva e querida que ela alguma vez disse a Grace. As palavras tinham sempre um tom apologético, como se soubesse que dizia algo errado, mas sem saber conter-se. Vai ser divertido!, escreveu numa mensagem a Grace, mas Grace não respondeu.

Quando a escola começou nesse ano, Grace não regressou com toda a gente. Estava demasiado grávida, demasiado redonda, demasiado exausta. Além disso, havia ainda o risco de ela entrar em trabalho de parto numa aula de Química Avançada e traumatizar toda a gente na turma do penúltimo ano. Não ficou propriamente desapontada com a decisão. Quando chegaram as férias de verão, já estava farta de se sentir como uma aberração de feira, com as pessoas a darem-lhe tanto espaço nos corredores que já nem se recordava da última vez em que alguém lhe tocara, nem que fosse acidentalmente.

Peach nasceu às 21h03 na noite da festa do regresso às aulas, no preciso momento em que Max estava a ser coroado rei da cerimónia, porque, pensou Grace amargamente, rapazes que engravidam raparigas são heróis e raparigas que engravidam são putas. Coube a Peach roubar as atenções a Max. Foi a primeira coisa que a filha de Grace alguma vez fez, e foi de génio. Ela ficou tão orgulhosa. Foi como se Peach soubesse que era a herdeira dele ao trono e tivesse aparecido para reclamar a tiara.

Peach saiu de dentro dela como fogo, como se tivesse sido incendiada. Houve oxitocina e uma dor pura intensa que estilhaçou a coluna, as costelas e as ancas de Grace. A mãe segurou-lhe a mão e afastou-lhe o cabelo da testa suada e não se importou que Grace lhe chamasse de mamã, como fazia aos

4 anos. Peach contorceu-se e abriu caminho através dela, como se soubesse que Grace era apenas um recipiente e que os seus verdadeiros pais, Daniel e Catalina, esperavam lá fora, prontos para a levar para casa e para a sua verdadeira vida.

Peach tinha lugares onde estar, pessoas para ver, e Grace já fizera a sua parte.

Por vezes, quando a noite ia longa e Grace se deixava levar até àquele lugar sombrio na sua mente, pensava que teria ficado bem se nunca tivesse pegado em Peach, se não lhe tivesse sentido a pele e cheirado o topo da cabeça e visto que tinha o nariz de Max e o cabelo escuro de Grace. Mas a enfermeira perguntara-lhe se queria e Grace ignorou o olhar de preocupação da mãe, o lábio preso entre os dentes. Estendeu os braços e retirou Peach à enfermeira, o que ela não soube como explicar a não ser dizendo que Peach encaixava, encaixava nos seus braços tal como encaixara sob a sua caixa torácica, ali aconchegada de forma suave e segura. Apesar de o corpo de Grace parecer fuligem e cinzas, a sua cabeça parecia ter sido lavada pela primeira vez em dez meses.

Peach era perfeita. Grace não.

E Peach merecia a perfeição.

Catalina e Daniel não lhe chamaram Peach, naturalmente. Ninguém sabia da alcunha, a não ser Grace. E Peach. Em vez disso, chamaram-lhe Amélia Marie. Milly, como diminutivo.

Sempre disseram que poderia ser uma adoção aberta. Queriam que assim fosse, em especial Catalina. No seu íntimo, Grace achava que Catalina se sentia culpada por Peach vir a ser a sua bebé.

— Podemos marcar visitas — disse Catalina um dia, quando se encontraram no gabinete do advogado de adoção. — Ou enviar-te fotografias. O que te deixar mais confortável, Grace.

No entanto, depois de Peach — Milly — nascer, Grace não conseguiu confiar em si mesma. Não conseguia imaginar-se a vê-la outra vez e não a levar de volta. Logo depois de ela ter nascido, Grace voava na espécie de adrenalina que imaginava ser sentida apenas por atletas olímpicos, e estava praticamente pronta para saltar, enfiar Peach debaixo do braço e correr como um defesa de futebol americano na direção da linha final. Provavelmente, poderia ter corrido uma maratona com ela, e o que a assustou foi saber que não traria Peach de volta.

Grace não se lembrava de ter entregado Peach — Milly — a Daniel e Catalina. Num momento, a sua filha estava nos seus braços e no seguinte já se fora, transportada por estranhos, a filha de outros e para sempre perdida para Grace.

Já o corpo lembrava-se bem. Lançara Peach para o mundo e fez o luto pela separação quando Grace regressou a casa vinda do hospital. Trancou a porta do quarto e contorceu-se de dor, com um dos cobertores da bebé agarrados no punho enquanto sufocava para cima dele, o soluçar pressionando-lhe o peito e o coração, esmagando-a por dentro. Já não queria a mãe. Não se tratava de uma dor que ela ou os médicos pudessem aplacar. O corpo de Grace contorceu-se na cama de uma forma que não fizera durante o parto, como se se sentisse baralhado com a ausência de Peach, os dedos dos pés enroscaram-se e as mãos fletiram-se. Grace dera à luz Peach, mas agora parecia que a abandonara verdadeiramente. Sentia-se leve, a flutuar.

Grace deixou-se ficar algum tempo no quarto. Perdeu a noção da realidade ao fim de dez dias.

Depois de duas semanas perdida na escuridão, desceu as escadas e interrompeu o pequeno-almoço dos pais. Ambos olharam para ela como se nunca a tivessem visto e, de certa forma, até era verdade. A Grace 3.º («Agora sem bebé!») estava para ficar.

E, então, ela proferiu as palavras que os pais temeram ouvir nos últimos 16 anos, desde o dia em que Grace nascera. Não «estou grávida» ou «as minhas águas rebentaram» nem «aconteceu um acidente».

Grace desceu as escadas, de barriga vazia, com o cabelo desgrenhado, e disse aos pais:

— Quero procurar a minha mãe biológica.

Grace sempre soube que era adotada. Os pais dela nunca fizeram segredo disso. Mas também nunca falaram verdadeiramente do assunto. Simplesmente, era.

À mesa do pequeno-almoço, Grace observava agora a mãe a atarraxar e desatarraxar reflexivamente a tampa do frasco de manteiga de amendoim.

Ao fim da terceira tentativa, o pai esticou o braço e retirou-lhe o frasco da mão.

— Devíamos marcar uma reunião de família — disse ele, enquanto as mãos da mãe passavam para o guardanapo de papel.

Na última reunião de família, Grace contara-lhes que estava grávida. Ao ritmo a que seguiam, os pais dela provavelmente nunca mais teriam outra reunião de família.

— Está bem — disse Grace. — Hoje.

— Amanhã. — A mãe por fim descobriu a voz. — Hoje tenho uma reunião e nós temos... — Olhou para o pai dela. — Temos de tratar de umas papeladas para ti. Estão no cofre.

Sempre houve um acordo implícito entre Grace e os pais. Eles contar-lhe-iam tudo o que sabiam sobre a família biológica, mas apenas a pedido de Grace. Em algumas ocasiões sentira curiosidade sobre o assunto — como quando estudou o ADN em Biologia, ou, naquela vez quando descobriu que Alex Paterson tinha duas mães e Grace pensou se também

ela poderia ter duas mães — mas, agora, tudo era diferente. Grace sabia que algures no mundo havia uma mulher que talvez tivesse sofrido (e talvez ainda sofresse) como Grace sofria agora. Conhecê-la não traria Peach de volta, nem preencheria as fendas que ameaçavam estilhaçá-la em cacos, mas já seria alguma coisa.

Grace necessitava de criar laços com alguém novamente.

Os pais pouco sabiam sobre a mãe dela. Grace não ficou completamente surpreendida. Fora uma adoção privada, com recurso a advogados e tribunais. O nome da mãe biológica era Melissa Taylor. Os pais de Grace nunca a conheceram. Melissa não quisera conhecê-los.

Não havia nenhuma fotografia de Melissa, impressões digitais, notas ou recordações, apenas um documento assinado em tribunal. O nome era suficientemente vulgar para Grace desconfiar que poderia passar horas à procura no *Google* sem produzir resultados, mas parecia que Melissa nunca quisera ser encontrada.

— Nós enviámos-lhe uma carta pelo advogado — contou a mãe de Grace, entregando-lhe um envelope fininho. — Logo depois de teres nascido, em que dizíamos que lhe estávamos extremamente gratos, mas foi devolvido. — Não teria sido necessário acrescentar esta última parte. Grace conseguia ver o carimbo a vermelho «Devolvido ao Remetente» estampado no papel branco.

E precisamente quando começava a sentir um desespero novo e diferente (apesar de não ser pior), por não haver uma mulher que a tivesse desejado, que necessitava dela tal como Grace necessitava de Peach, que se contorcera de dor e quisera saber algo sobre ela, os pais de Grace disseram algo que tapou de imediato o buraco negro que ameaçava engoli-la.

— Grace — disse suavemente o pai, como se a sua voz pudesse pisar uma mina e destruí-los a todos —, tu tens irmãos.

Depois de Grace vomitar na casa de banho das visitas no rés do chão, serviu-se de um copo de água e regressou à mesa. O ar ansioso da mãe fez com que se sentisse nervosa.

Contaram a história de forma cautelosa com palavras nitidamente ensaiadas: Joaquin era seu irmão. Ele tinha 1 ano quando Grace nasceu e fora para uma família de acolhimento uns dias depois de os pais dela a terem trazido para casa.

— Perguntaram-nos se queríamos acolhê-lo — explicou a mãe de Grace, e, mesmo agora, 16 anos depois, Grace conseguia ver as rugas de arrependimento que Joaquin gravara no rosto dela. — Mas tu eras uma recém-nascida e nós... nós não estávamos preparados para isso, para dois bebês. E tinha acabado de ser diagnosticado à tua avó...

Grace conhecia aquela parte da história. A avó, Gloria Grace, a mulher com quem partilhava o nome, fora diagnosticada com cancro pancreático de estágio 4 um mês antes do nascimento de Grace. «O melhor ano e o pior ano», descreveu-o assim a mãe de Grace, quando abordava o assunto. Grace sabia que não devia fazer muitas perguntas.

— Joaquin — disse então Grace, rolando a palavra na boca. Constatou que nunca conhecera um Joaquin, que nunca preferira tal nome.

— Disseram-nos que foi recebido por uma família de acolhimento que estava a preparar-se para adotá-lo — contou-lhe o pai. — Mas é tudo o que sabemos em relação a ele. Tentámos seguir-lhe o rasto, mas é um sistema... complicado.

Grace assentiu com a cabeça, interiorizando tudo aquilo. Se a vida dela fosse um filme, seria aqui que entraria a música meditativa e orquestral.

— Disseste irmãos? No plural?

A mãe assentiu com a cabeça.

— Logo depois da morte da Gloria Grace — era assim que a chamavam —, recebemos um telefonema do mesmo advogado que nos ajudou a ficarmos contigo. Havia outro bebé, uma menina, mas não podíamos... — Voltou a olhar para o pai de Grace, alguém que a ajudasse a preencher o vazio entre palavras. — Não podíamos, Grace — disse a mãe dela, com a voz a vacilar antes de pigarrear. — Ela foi adotada por uma família que mora aí a uns 20 minutos de distância. Temos os dados deles. Concordámos em avisar-nos mutuamente assim que uma de vocês quisesse contactar a outra.

Fizeram deslizar na direção dela, por cima da mesa, um endereço de e-mail.

— Ela chama-se Maya — informou o pai. — Tem 15 anos. Falámos com os pais dela ontem à noite e eles conversaram com ela. Se quiseres enviar-lhe um e-mail, ela está à espera de receber notícias tuas.

Nessa noite, Grace sentou-se em frente ao portátil, com o cursor a piscar enquanto pensava no que escrever a Maya.

~~Querida Maya, sou tua irmã e~~

~~Não. Demasiado familiar.~~

~~Olá, Maya, os meus pais acabaram de me contar de ti e uau!~~

~~Grace quis dar um estalo a si própria depois de ler aquela frase.~~

~~Olá, Maya, como é que vai isso? Sempre quis ter uma irmã e a agora tenho uma~~

~~Grace ia ter de contratar um escritor-fantasma.~~

~~Por fim, depois de quase meia hora a teclar, apagar e voltar a teclar, escreveu um texto que lhe pareceu razoável.~~

Olá, Maya.

Chamo-me Grace e descobri recentemente que tu e eu temos a mesma mãe biológica. Os meus pais falaram-me hoje sobre ti e tenho de admitir que fiquei um pouco chocada mas também entusiasmada. Disseram-me que já sabias da minha existência, por isso, espero que não fiques demasiado surpreendida com este e-mail. Não sei se os teus pais te falaram do Joaquin. Ele pode ser nosso irmão. Se calhar era giro tentarmos encontrá-lo juntas, não?

Os meus pais também disseram que vives a meia hora daqui, por isso, se calhar podíamos encontrar-nos para tomar um café ou assim. Se gostares de me conhecer, eu gostaria de te conhecer. Mas sem pressões. Sei que isto tem todo o potencial para ser superestranho.

Espero receber notícias tuas em breve,
Grace

Leu três vezes e depois carregou em «Enviar».
Agora, só lhe restava esperar.

MAYA

Quando Maya era pequena, o filme preferido dela era a versão da Disney de *Alice no País das Maravilhas*. Adorava a ideia de cair por uma toca de coelho, de mergulhar em algo inesperado e, claro, a ideia de um pequeno coelho branco poder usar um colete e óculos minúsculos.

Mas sem dúvida que a sua cena preferida era a parte em que Alice ficou demasiado grande para caber na casa do Coelho Branco. As pernas e os braços saíram pelas janelas, estilhaçando os vidros, e a cabeça atravessou o telhado, enquanto as pessoas gritavam e berravam à volta dela. Maya adorava essa parte. Costumava obrigar os pais a puxar essa parte para trás vezes sem conta, rindo-se às gargalhadas com a ideia de um telhado conseguir cair e assentar de novo.

Agora, quando os pais discutiam e as paredes da sua casa lhe pareciam demasiado pequenas e ela desejava poder partir as janelas de vidro e fugir, a ideia de uma casa a destruir-se já não lhe parecia tão divertida.

Maya já não se recordava realmente de uma altura em que os pais não estivessem sempre a discutir. Quando ela e a irmã, Lauren, eram mais novas, tudo acontecia atrás de portas fechadas, vozes abafadas e sorrisos tensos na manhã seguinte ao pequeno-almoço. No entanto, com o passar dos anos, as palavras sussurradas tornaram-se mais altas. Depois vieram os berros e por fim os gritos.

A gritaria era o pior, estridente e aguda, o género de ruído que leva uma pessoa a querer tapar os ouvidos e a reagir com bramidos.

Ou fugir e esconder-se.

Maya e Lauren optavam por esta última solução. Maya era 13 meses mais velha do que Lauren, pelo que se sentia responsável. Saltava para pegar no comando e subia o volume da televisão até ser difícil perceber o que estava mais alto, quem mais desejava vencer a batalha do ruído.

— Podem pôr essa televisão mais baixo? — gritara mais de uma vez o pai dela, e parecia-lhe tão injusto. Só tinham aumentado o volume porque ele se tinha posto aos berros primeiro.

Maya e Lauren tinham agora, respetivamente, 15 e 14 anos.

As discussões eram cada vez mais frequentes.

As discussões ocorriam a toda a hora.

Estás sempre a trabalhar! Estás sempre a trabalhar e não...

Por ti! Pelas miúdas! Pela nossa família! Caramba, queres tudo, mas quando tento dar-te...

Maya tinha idade suficiente para perceber que muitas daquelas palavras eram alimentadas pelo vinho: um copo antes do jantar, dois ou três à refeição e um quinto servido da garrafa quando o pai de Maya estava fora em trabalho. Maya nunca viu garrafas vazias na reciclagem e parecia nunca faltar garrafas por abrir nas prateleiras da despensa, e ela pensava quem estaria a mãe a tentar enganar: as filhas, o marido, ou a si mesma.

Ela até deixaria a mãe beber três garrafas por noite se isso a mantivesse calma, complacente. Até, santo Deus, adormecida.

Mas o vinho servia apenas para embalar os pais como os carros antes de uma corrida, picando-se um ao outro até alguém acenar uma bandeira e vruum! Lá iam eles. Maya e Lauren aprenderam a afastar-se no momento certo, refugiando-se lá em cima nos quartos ou em casa de uma amiga, ou até dizendo que iam a casa de uma amiga e depois escondiam-se no pátio das traseiras até a costa ficar livre. Não é que as discussões dos pais se tornassem violentas, nem nada parecido; as palavras podiam bater mais forte do que um copo atirado contra a parede, doer mais do que um soco nos dentes.

Era fácil seguir o padrão deles. Maya tinha quase a certeza de que até seria capaz de escrever-lhes o diálogo. Assim que começava a gritaria, decorriam uns 15 minutos até a mãe acusar o pai de ter um caso. Maya desconhecia se era verdade ou não e, sinceramente, não era algo que lhe importasse por aí além. Ele que o tivesse, se isso o deixava feliz. Maya desconfiava que a mãe ficaria entusiasmada se fosse verdade. Como se finalmente tivesse ganhado uma corrida em que participava há décadas.

Custava-te muito estar em casa antes da hora do jantar? A sério? Custava?

Oh, bem, lembra-me lá outra vez quem é que quer renovar a cozinha? Achas que isso se paga sozinho?

Uma batida à porta fê-la erguer o olhar. Até ficou a achar que seria Claire, apesar de saber que isso não era possível. Namorava com Claire há cinco meses e os braços dela eram um lugar seguro e melhor do que todos os esconderijos do mundo em pátios das traseiras. Claire significava segurança. Claire, pensava por vezes Maya, era como estar em casa.

Mas era Lauren à porta.

— Ei — disse ela quando Maya abriu a porta —, posso ficar um bocado contigo?

— Claro — respondeu Maya.

A dada altura, e Maya não sabia precisar quando, as conversas delas passaram de gargalhadas intensas para segredos sussurrados e frases curtas, e depois respostas de apenas uma ou duas palavras. A diferença de 13 meses entre elas apartara-as como um abismo, crescendo a cada mês que passava.

Maya sempre soube que era adotada. Numa família de ruivos, isso tornava-se bem evidente. À noite, quando Maya era pequena, de maneira a adormecê-la, a mãe contava-lhe a história de como a levaram do hospital para casa. Ouvira-a um milhar de vezes, é claro, mas queria sempre que tornassem a contá-la. A mãe era uma boa contadora de histórias (fora *DJ* na rádio universitária), enfeitava sempre a narrativa e fazia uns gestos exagerados sobre como tiveram medo de pôr Maya pela primeira vez na cadeirinha do carro e compraram praticamente todos os frasquinhos de desinfetante para as mãos que havia na farmácia.

Mas a parte preferida de Maya era sempre o final.

— E então — dizia a mãe, puxando a roupa da cama para cima e alisando os cobertores — vieste connosco para casa. Onde é o teu lugar.

De início, não pareceu importante a Maya o facto de ser adotada e Lauren não o ser. Eram irmãs e pronto. Mas, depois, outras crianças explicaram-lhe.

As outras crianças podem ser muito parvas.

— Se a Lauren tivesse nascido primeiro, provavelmente não tinham ficado contigo — explicou-lhe um dia ao almoço a sua melhor amiga do 3.º ano, Emily Whitmore. — A Lauren é filha biológica — proferiu a palavra como se alguém a tivesse acabado de lha ensinar — e tu não és. São factos. — Maya ainda se recor-

dava da expressão de Emily ao explicar-lhe os «factos», ainda se recordava da forma curta e grossa como desejou enfiar o seu punho de 8 anos em cheio naquela carinha presunçosa de Emily. Naquele ano, Emily dedicara-se por completo à honestidade e será provavelmente por isso que não tem muitos amigos agora que frequenta o 10.º ano. (Mas a cara dela ainda é presunçosa. E Maya ainda lhe quer dar um soco.)

Mas Emily acertara numa coisa: três meses depois de os pais terem trazido Maya do hospital, a mãe descobriu que estava grávida de Lauren. Tinham tentado durante mais de 10 anos ter pelo menos um bebé, e acabaram por ser abençoados com dois.

Bem, «abençoados» nem sempre foi a palavra de eleição de Maya.

— Qual de vocês é adotada? — perguntavam-lhes por vezes as pessoas, e tanto Maya como Lauren limitavam-se a pestanejar. De início, não perceberam a piada, mas Maya chegou lá muito mais depressa do que Lauren. Não teve alternativa. Era a única que se destacava, a única que não era branca com sardas e cabelo ruivo cor de âmbar, era a única mancha morena em todas as fotos de família alinhadas nas escadas.

Quando os pais discutiam, Maya por vezes imaginava-se a incendiar a casa toda. Sempre achou que despejaria gasolina naqueles retratos de família nas escadas.

Aos 5 anos, Maya percebeu que era diferente. Quando foi a Estrela da Semana no infantário, todas as crianças lhe fizeram perguntas sobre o que a levava a ser adotada, onde estava a «verdadeira mamã», se tinha sido dada por ser má. Ninguém lhe perguntou pela tartaruga de estimação, *Scooch*, ou pela sua manta preferida, que a bisavó Nonie lhe tricotara. A seguir, chorara. Não conseguira explicar porquê.

Mas adorava os pais, com um desespero que por vezes se lhe afigurava assustador.

Às vezes, Maya sonhava com aqueles que a deram para adoção e via-se a fugir de pessoas de cabelo castanho sem rosto, de braços estendidos na sua direção, suando devido ao esforço para escapar. Os pais dela — retirando o vinho, as discussões, a sufocante atitude de adulto de renovar cozinhas e pagar empréstimos — eram boas pessoas. Muito boas pessoas. E amavam-na profunda e completamente. Mas Maya sempre percebeu que os livros de puericultura que liam eram sobre crianças adotadas, e não biológicas. Dedicaram tanto tempo a tentar normalizar a vida dela que Maya por vezes sentia como se fosse tudo menos normal.

Libertou um espaço na cama para Lauren.

— O que estás a fazer?

— Trabalhos de casa de Matemática — respondeu Lauren. Lauren era péssima em Matemática, pelo menos em comparação com Maya. Apenas um ano as separava na escola, mas, na disciplina de Matemática, Maya seguia três anos à frente. — E tu, o que fazes?

Maya apontou para o computador portátil.

— Um ensaio.

— Oh.

Na verdade, Maya andava a trabalhar num ensaio. Só não estava naquele momento a dedicar-se a isso. Andava de volta dele há uma semana e já devia estar concluído há três dias. Mas sabia que o professor iria olhar para o lado. Os professores adoravam Maya. Tinha-os nas palmas das mãos e quando acabasse receberia créditos extra sem ter de fazer o trabalho. E, além do mais, o mundo não estava propriamente ansioso por mais um ensaio sobre a importância da caracterização de *Spoon River (Uma Antologia)*.

Em vez disso, conversava com Claire.

Claire estudava na escola delas desde março anterior. Maya ainda se recordava dela a percorrer o relvado da entrada, com a

mochila pendurada num ombro em vez de nos dois, como era habitual em toda a gente no *campus*.

Maya gostou logo dela.

Gostava do facto de o verniz das unhas andar sempre, mesmo sempre, lascado, mas o cabelo nunca ter uma ponta solta. Gostava do facto de as meias de Claire nunca emparelharem, mas o calçado ser da melhor qualidade. (Maya invejou as *Doc Martens* e amaldiçoou-se por os seus pés serem dois tamanhos acima dos de Claire.)

Adorava o modo como a mão de Claire assentava na dela, como a sua pele às vezes lhe parecia a coisa mais macia e eléctrica em que alguma vez tocara. Adorava o riso de Claire (era profundo e, muito francamente, parecia um ganso a ser assassinado) e a boca de Claire e o modo como ela lhe aflagava o cabelo como se fosse algo encantador e precioso.

Maya adorava a forma como passara toda a vida a tentar descobrir onde encaixar, até aparecer Claire e encaixar logo ao seu lado, como se tivessem esperado toda a vida para se encontrarem.

Os pais de Maya, por não serem dinossauros antiquados, não queriam saber do facto de ela ser gay. Ou, mais concretamente, não é que eles aceitassem bem isso. Eles sentiam orgulho. O pai dela até pusera um autocolante de arco-íris no carro, o que escandalizou a vizinhança por uns tempos até Maya explicar gentilmente que um autocolante de um arco-íris num carro significa que o dono é homossexual, e talvez os vizinhos tivessem ficado com uma ideia errada?

Mas, ainda assim, foi um gesto querido. Eles davam dinheiro para a PFLAG¹ e ela e o pai participaram juntos numa corrida de dez quilómetros. Nessa área em particular, Maya tinha

¹A PFLAG é uma organização não-governamental norte-americana de famílias e amigos de pessoas homossexuais, bissexuais, transgénero ou *queer*. [N. T.]

todo o apoio de que necessitava e sentia-se grata por isso. Só gostaria que os pais prestassem atenção à sua própria relação, em vez de se concentrarem na dela.

Bateu mais uma porta e Lauren assustou-se. Nada de mais, mas o suficiente para Maya reparar.

Mas tu importas-te sequer em ver as tuas filhas?

Como é que te atreves a dizer-me uma coisa dessas a mim?!

Nem sequer perguntaste à Maya sobre...

Ambas as raparigas se entreolharam.

— Já recebeste alguma coisa daquela rapariga? — perguntou Lauren ao fim de um breve momento.

Maya abanou a cabeça.

— Nada.

Na noite anterior, os pais de Maya sentaram-se com ela — a primeira vez em meses que Maya os viu juntos em casa sem estarem a discutir — e falaram-lhe de uma rapariga chamada Grace. Era meia-irmã de Maya, e vivia com os pais a uns 20 minutos de distância. Ao que parece, pela primeira vez na vida Grace perguntara pela família biológica. Havia um rapaz também, um suposto meio-irmão chamado Joaquin, mas já ninguém parecia saber onde ele andava, como um conjunto de chaves que alguém perdeu.

— Achas que não tem mal darmos o teu e-mail à Grace? — perguntou-lhe o pai.

Maya limitou-se a encolher os ombros.

— Claro, tudo bem.

Não estava tudo bem, nem por isso, mas já não confiava totalmente nos pais para serem fortes por ela. Já quase nem se aguentavam estando um ao pé do outro — que tipo de energia lhes restou para tratar dela? Não queria chorar diante deles ou fazer perguntas ou dar-lhes o mais ligeiro vislumbre do que lhe ia na mente. Não confiava nela para partilhar o que lhe ia na

cabeça, não quando se comportavam como dois touros numa loja de porcelanas. Tinha de se manter afastada — a salvo de algum tipo de dano.

Na noite passada acordara devido a um pesadelo horrível: as pessoas altas de cabelo escuro tentavam alcançá-la, para a puxar pela janela do quarto, e ela despertara a arquejar, com as mãos a tremer de tal maneira que nem conseguiu enviar uma mensagem a Claire do seu telemóvel. Não sabia ao certo o que fora mais assustador: os estranhos a tentarem levá-la ou não ter a certeza de querer que fracassassem.

Não conseguiu voltar a dormir.

Já sabes como é a Maya. Ela não vai contar-te coisas, vais ter de lhe perguntar! Ela não é como a Lauren! Se passasses algum tempo com elas...

Não é que Maya fosse grande entusiasta de ser adotada, mas em ocasiões como esta até se sentia de certa maneira grata por não partilhar os genes com aquelas pessoas. (*É horrível ser-se tu, Laur*, pensava ela por vezes quando as discussões eram demasiado sonoras, demasiado próximas.) Era mais fácil imaginar um mundo de possibilidades, um mundo onde literalmente qualquer um pudesse ser da família dela. Mas então, por vezes, isso apenas levava a que o mundo parecesse demasiado grande e Maya começava a sentir-se solta, como se pudesse flutuar para longe dali, e estendia a mão a Claire e agarrava com força, obrigando-se a retornar à terra.

— Achas que vão divorciar-se? — perguntara-lhe Lauren uns meses antes, depois de o pai ter saído intempestivamente de casa e de a mãe não ter ido ver como elas estavam. Nessa noite, as raparigas dormiram na mesma cama, algo que já não faziam desde pequenas.

— Não sejas parva — dissera Maya, mas a ideia não a deixou pregar olho toda a noite. Se os pais se separassem, quem

é que escolheriam? Lauren era filha biológica, como realçara Emily Whitmore. Maya não era.

Era uma ideia ridícula, obviamente.

Mas ainda assim...

Nessa noite, depois de toda a gente ter subido ao primeiro andar, depois de Lauren ter regressado ao seu quarto e trancado a porta e Maya ter enviado uma mensagem a Claire bem para lá da hora a que já deveria ter pousado o telefone (os meus pais já não escapam ao divórcio lol) sem que ninguém lhe chamasse a atenção, Maya ficou acordada na cama.

Às 3 horas tudo parecia mais aterrador. Era um facto.

De repente, o telemóvel deu sinal, uma notificação de e-mail, e abriu-o. Ela lera algures que a cada minuto passado ao telefone na cama se perdia uma hora de sono. Achara que era uma treta, mas agora pareceu-lhe possível.

Irmã?, lia-se no cabeçalho do e-mail.

Não era de Lauren.

Maya abriu-o.

JOAQUIN

Joaquin sempre preferira o início da manhã. Gostava do céu rosado que lentamente passava a amarelo e depois a azul nas manhãs límpidas. Quando assim não era, gostava da névoa que se estendia sobre a cidade como um manto, enroscando-se sobre as colinas e autoestradas, tão espesso que por vezes Joaquin lograva tocar-lhe.

Adorava o sossego dessas manhãs, o modo como podia andar de skate pela rua fora sem se preocupar em desviar-se de turistas vagarosos ou bebés a dar os primeiros passos que se afastavam subitamente dos pais. Gostava de estar sozinho sem ninguém à volta. A solidão, dessa forma, parecia-lhe mais uma escolha pessoal. Era bem mais fácil do que sentir-se sozinho estando rodeado por pessoas, que era como sempre se sentia assim que o resto do mundo começava a despertar, antes de a realidade se instalar e o manto de nevoeiro ser derretido pelo sol.

Joaquin inclinou o corpo para a esquerda enquanto descia rapidamente a colina na direção do centro de artes. As rodas da

sua prancha eram novas, uma prenda «só porque sim» do seu 18.º conjunto de pais de acolhimento.

Mark e Linda eram boas pessoas, já eram a sua família de acolhimento há quase dois anos, e Joaquin gostava deles. Linda ensinara-o a conduzir no monovolume antigo deles, ignorando a pequena amolgadela que Joaquin fizera na porta de trás; Mark levara-o a ver seis jogos de basebol no verão passado. Sentaram-se juntos e assistiram aos jogos em silêncio, anuindo em concordância sempre que o árbitro tomava a decisão certa. «É agradável um pai e um filho juntos a ver um jogo», disse-lhe um velhote certo dia no final de um jogo, e quando Mark sorriu e encaixou o braço sobre os ombros de Joaquin, este corou tanto que se sentiu a ferver.

Ele sabia algumas coisas básicas sobre a sua vida anterior, mas não muitas. Com 1 ano, fora deixado pela mãe para ser recebido por uma família de acolhimento. Soube pela cédula de nascimento que o nome dela era Melissa Taylor e que o apelido do pai era Gutierrez, mas isso fora há cerca de dez assistentes sociais e os direitos parentais de Melissa há muito que tinham sido cortados. Ela nunca aparecera para visitas quando ele era bebé. Por vezes, Joaquin pensava se fora o pior bebé do mundo para a sua mãe nem sequer o querer visitar.

Não sabia nada sobre o pai biológico, além do apelido e o facto de bastar a Joaquin olhar para o espelho para perceber que o pai não era branco. «Pareces mexicano», disse-lhe um irmão de acolhimento depois de Joaquin lhe ter explicado que não sabia de onde era. Nunca alguém argumentou contra isso, e assim ficou. Joaquin era mexicano.

Conforme se foram sucedendo os pais e lares de acolhimento, houve-os bons e maus. Houve a mãe de acolhimento que certa vez perdeu a cabeça e bateu na nuca de Joaquin com uma escova de cabelo em madeira, levando a que ele se sentisse

uma daquelas personagens de desenhos animados que literalmente veem estrelas; o casal idoso que, por razões que Joaquin nunca entendeu, lhe prendiam a mão esquerda, obrigando-o a usar a direita (não valeu de nada, Joaquin continuou a ser canhoto); um pai de acolhimento que gostava de apertar Joaquin pela parte de trás do pescoço, unindo literalmente as vértebras de uma forma que Joaquin nunca logrou esquecer; os pais que guardavam a comida dos acolhidos numa prateleira à parte na despensa, os produtos de marca branca alinhados logo abaixo dos cereais de marca para os filhos biológicos.

Mas também houve Juanita, a mãe de acolhimento que lhe afagava o cabelo e lhe chamava *cariño* quando ele teve gastroenterite; Evelyn, que organizava lutas de balões de água no pátio das traseiras e cantava uma canção a Joaquin à noite sobre três pintainhos que se enroscavam sob a asa da mãe e adormeciam; e Rick, o pai de acolhimento que certa vez comprara a Joaquin um conjunto de pintura a óleo por achar que ele era «talentoso como o raio». (Seis meses mais tarde, depois de Rick ter bebido demasiado e ter andado ao soco com o vizinho do lado, Joaquin foi obrigado a deixar o lar de acolhimento, assim como as tintas. Ainda não ultrapassara bem o facto de as ter perdido.)

Mark e Linda foram os últimos pais de acolhimento e desejavam adotar Joaquin.

Perguntaram-lhe na noite passada, quando ele estava sentado à mesa da cozinha a montar as novas rodas do skate. Sentaram-se à frente dele, de mãos dadas, e Joaquin percebeu de imediato que iam pedir-lhe para que fosse embora. Já acontecera 17 vezes, por isso conhecia bem os sinais. Haveria pretextos, desculpas, talvez até lágrimas (nunca de Joaquin), mas acabava sempre da mesma forma: Joaquin a enfiar os seus parcos haveres num saco de lixo e a esperar que a assistente social o fosse buscar e levar para um lugar novo. (Certa vez,

a assistente social trouxera-lhe uma mala a sério, mas que se estragou na casa seguinte quando dois dos miúdos se envolveram numa briga. Joaquin preferia os sacos de lixo. Assim, nada tinha a perder.)

— Joaquin — começara por dizer Linda, mas Joaquin interrompera-a. Gostava de Linda e não queria que as últimas recordações dela fossem um pedido de desculpas tremente e débeis palavras de reconforto.

— Não, não tem mal — disse ele. — Eu entendo, não tem mal. É... é por causa da porta do carro? Porque eu posso arranjar-lá-la. — Joaquin não sabia bem como haveria de fazê-lo... o seu emprego no centro de artes não estava propriamente a torná-lo milionário e não fazia a mínima ideia de como arranjar sozinho uma amolgadela num carro, mas, ei, para que serve afinal o *YouTube*?

— Espera, o quê? — disse Linda, e Mark puxou a cadeira para mais perto da de Joaquin, o que levou Joaquin a encostar-se um pouco para trás. — Não te preocupes com o carro, querido, não é disso que queremos falar contigo.

Era raro Joaquin sentir-se apanhado de surpresa. Tornara-se bom a prever o que as pessoas iam fazer, como reagiriam, e quando não conseguia prever o seu comportamento, sabia como provocá-lo. A psiquiatra a que Mark e Linda o levaram chamara-lhe mecanismo de defesa, e Joaquin achou que soava exatamente como algo que diria alguém que nunca necessitara de um mecanismo de defesa.

Mas Linda não estava a proferir as frases do argumento que Joaquin conhecia de cor.

Mark debruçou-se então para a frente, pousando a mão no antebraço de Joaquin e apertando um pouco. Aquilo não incomodou Joaquin — sabia que Mark nunca o magoaria e, mesmo que tentasse, Joaquin tinha sete centímetros e quase quinze

quilos de vantagem sobre ele, pelo que seria uma luta rápida. Em vez disso, não pôde deixar de sentir que Mark tentava mantê-lo quieto.

— Companheiro — disse Mark. — A tua m... A Linda e eu queremos falar de uma coisa importante contigo. Se por ti não houver mal, e estiveres interessado, gostaríamos de te adotar.

Os olhos de Linda brilhavam enquanto assentia às palavras de Mark.

— Amamos-te imenso, Joaquin — disse ela. — Tu... tu és como se fosses nosso filho; é inimaginável não o tornar permanente.

O zumbido na cabeça de Joaquin quase o deixou zozzo e quando olhou para baixo para as rodas do skate que tinha nas mãos, percebeu que não as sentia. Só por uma vez se sentira assim, quando Mark e Linda (descontraidamente, oh, tão descontraidamente) lhe disseram que se quisesse podia chamar-lhes mãe e pai.

— Só se tu quiseres, claro — dissera Linda, e apesar de na altura estar de costas para Joaquin, ele não deixou de sentir o tremor da voz dela.

— A decisão é tua, companheiro — acrescentara Mark desde a ilha da cozinha, onde até aí estava a olhar fixamente para o seu portátil. Mas Joaquin reparara que ele não estava a clicar em sites, apenas a passar para cima e para baixo a mesma página.

— Tá bem — reagira Joaquin, fingindo ignorar as expressões de desilusão deles nessa noite ao jantar quando lhe chamou Linda, como se nada se tivesse passado naquela manhã.

Joaquin nunca chamara mãe ou pai a ninguém. Ou eram os nomes próprios ou, em alguns lares mais rígidos, Sr. e Sra. Alguém ou Outro. Não havia avós, nem tias ou tios ou primos como alguns outros miúdos de acolhimento por vezes tinham.

E a verdade é que ele queria chamar a Linda e Mark mãe e pai. Queria tanto que sentia as palavras por proferir a queimar-lhe a garganta. Teria sido tão fácil dizê-lo, para os deixar felizes, para finalmente ser o miúdo com uma mãe e um pai que cuidavam dele.

Mas não eram apenas palavras. Joaquin sabia, de uma forma que lhe parecia uma verdade absoluta, que se proferisse aquelas duas palavras isso iria modificá-lo. Se aquelas palavras alguma vez lhe saíssem da boca, teria de ser capaz de as proferir para o resto da vida, e aprendera da pior maneira que as pessoas podiam mudar, que podiam dizer uma coisa e fazer outra. Ele não achava que Mark e Linda lhe fizessem isso, mas de qualquer maneira não queria descobrir. Certa vez, ousara chamar mãe à professora do 2.º ano numa aula de Matemática, só para sentir a palavra na boca, como lhe soava aos ouvidos, mas o embaraço que daí resultou nos outros miúdos fora tão intenso que ainda hoje o afetava quando pensava no assunto ao fim de todos aqueles anos.

Mas isso não passara de um erro. Chamar deliberadamente mãe e pai a Linda e Mark implicaria que o coração de Joaquin se transformaria em algo muito mais frágil, algo impossível de recuperar caso se partisse, e ele não podia fazer — não o faria — isso de novo a si mesmo. Ainda não conseguira recolher os cacos desde a última vez e permaneciam abertos no seu coração um ou dois buracos, deixando passar o ar gelado.

Agora, Mark e Linda queriam adotá-lo, e Joaquin sentiu as rodas do skate a ribombar por baixo dos pés enquanto curvava intensamente à direita em frente à biblioteca. Mark e Linda seriam os seus pais independentemente do que lhes chamasse. Sabiam que não podiam ter filhos («Fechado para obras!», dissera Linda certa vez naquela forma superanimada a que as pessoas recorrem para disfarçar o que mais lhes dói), e Joaquin

pensou se ele seria a derradeira oportunidade de terem o que desejavam, se não passaria de um mero meio para alcançar um fim.

A biblioteca tinha uma placa a indicar *Hora do Conto Mamã & Papá & Eu* numa das janelas diante das quais passava.

Joaquin já há muito ultrapassara a questão de não ter pais. Já não era pateta como fora em pequeno, quando tentara ser encantador e divertido como os miúdos que via nas séries de comédia, aquelas com gravações estúpidas de risos e pais que se limitavam a suspirar quando os filhos faziam algo idiota como entrar com um carro pela parede da cozinha. Mudou tantas vezes de lar de acolhimento quando tinha 5 anos que foi para três infantários diferentes, o que levou a que conseguisse escapar àquela situação confrangedora da Estrela da Semana, em que as crianças falam das suas casas, famílias e animais de estimação, tudo coisas que Joaquin penosamente já percebera que lhe faltavam.

Certa vez, no 10.º ano, Joaquin teve de escrever um ensaio na aula de Inglês sobre onde iria se pudesse viajar no tempo. Escreveu que iria até ao passado para ver os dinossauros, o que terá sido provavelmente a maior mentira que alguma vez contou na vida. Se Joaquin pudesse voltar atrás no tempo obviamente que procuraria o seu eu com 12 anos para o abanar com força e silvar-lhe, «Estás a foder tudo». Foi quando ele se revelou verdadeiramente mau, quando cedeu à raiva que lhe fervia sob a pele. Iria irritar-se, gritar e uivar até o monstro recuar, por então saciado, deixando-o esgotado e exausto, impossível de ser confortado e castigado. Ninguém queria uma criança assim, percebia agora Joaquin, e especialmente não queriam quem molhasse a cama praticamente todas as noites.

Quando chegou aos 8 anos, Joaquin já conhecia o jogo. Os dentes de leite direitinhos deram lugar a dentes de coelho

e buracos, com as suas bochechas carnudas a tornarem-se mais magras conforme se aproximava a adolescência. Já não era um bebé fofinho, e era uma regra inquebrável os candidatos a pais quererem bebés.

Compreendeu que provavelmente não haveria ninguém nas suas reuniões de pais na escola, a ouvir os professores dizerem-lhes que ele pintava muito bem. Não houve ninguém para lhe tirar uma foto por baixo da fita azul que alguém afixara no seu desenho na exposição de arte da escola no 4.º ano, ou para o levar de carro àquela festa de aniversário do outro lado da cidade no 5.º ano. Alguns dos seus pais de acolhimento tentaram, como é natural, mas não havia assim tanto dinheiro ou tempo para andar às voltas, e Joaquin há muito que percebera que se não contasse com as pessoas, então nunca ficaria desiludido com a sua ausência.

Mas ainda guardava aquela fita azul. Mantinha-a bem no fundo da sua gaveta das meias, com as pontas gastas devido aos 18 meses em que Joaquin a manteve debaixo da almofada enquanto dormia.

Nunca fora bafejado com muitos golpes de sorte na vida, mas sabia que fora um sortudo por não ter irmãos. Ele vira o que isso acarretara para outras crianças, como tiveram de lutar para se manterem juntos e como ficaram destruídos quando inevitavelmente foram separados. Vira os irmãos mais velhos a tentarem em desespero ser adotados por famílias que só queriam irmãs mais novas; vira as irmãs mais velhas afastadas à força dos seus irmãos mais novos por não haver espaço suficiente para três crianças num lar de acolhimento, sendo que os serviços sociais às vezes separavam os irmãos por género. Já assim era suficientemente duro para Joaquin manter-se composto, para manter coração e mente à tona de água numa corrente que desejava apenas que ele se afogasse. Também nunca

teria conseguido manter ninguém à tona. Sentia-se grato por não ter de o fazer, por ser livre, apesar de por vezes desconfiar que sem essas amarras ele poderia flutuar para longe sem que ninguém notasse que partira, sem que ninguém o voltasse a procurar.

Mark e Linda provavelmente iriam procurá-lo. Joaquin já conseguia avistar o centro de artes, enquanto o sol irrompia por entre as nuvens. Mas eles não iriam adoptá-lo, decidira.

Joaquin só fora adotado uma vez.

E nunca mais iria permitir que isso voltasse a acontecer.

COISAS BOAS ACONTECEM, MESMO QUANDO ACHAMOS QUE NÃO AS MERECEMOS.

GRACE tem 17 anos e foi adotada à nascença. Depois de muita indecisão, e apesar de sempre ter tido uma vida feliz, decide procurar a família biológica e descobre que tem dois irmãos de sangue: Maya e Joaquin.

MAYA, a mais nova dos três, é uma morena de língua afiada. Adotada por uma família disfuncional e a viver o seu primeiro amor, Maya está sôfrega por encontrar elos de ligação e parecenças com os dois «novos» irmãos que surgem de repente na sua vida.

JOAQUIN é um estoico pouco interessado em conhecer as irmãs. Depois de vários anos à mercê de famílias de acolhimento, aprendeu da forma mais dolorosa que os heróis não existem, e que, para bem de todos, os segredos e os medos devem manter-se guardados a sete chaves.

Esta história comovente, contada a **TRÊS VOZES** carregadas de coragem e esperança, exalta a força do amor e o verdadeiro significado da família nas suas mais variadas formas — como encontrá-la, preservá-la e amá-la.

«Um exercício brilhante de empatia.»

The New York Times

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-585-0



9 789896 685850

Literatura Traduzida